



PSICANÁLISE

Samantha Abuleac

A sobrevivência do desejo nos sonhos de Auschwitz

Blucher

▲ Série
Dor e Existência

A SOBREVIVÊNCIA
DO DESEJO NOS
SONHOS DE
AUSCHWITZ

Samantha Abuleac

A sobrevivência do desejo nos sonhos de Auschwitz

Série Dor e Existência, organizada por Miriam Ximenes Pinho-Fuse, Cibele

Barbará e Sheila Skitnevsky Finger

© 2022 Samantha Abuleac

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Guilherme Henrique

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa capa de partitura de autoria de Berto Boccosi (escrita em um campo militar de prisioneiros na Saida, Argélia, em 1942). Courtesy of Fondazione Istituto di Letteratura Musicale Concentrazionaria, Barletta (Italy).

Blucher

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
qualquer meios sem autorização escrita da
editora.

Abuleac, Samantha

*A sobrevivência do desejo nos sonhos de Auschwitz /
Samantha Abuleac.* – São Paulo : Blucher, 2022.

328 p. (Série Dor e Existência)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-472-8 (físico)

ISBN 978-65-5506-468-1 (eletrônico)

1. Psicanálise 2. Holocausto judeu (1939-1945) –
Aspectos psicológicos 3. Auschwitz (Campo de con-
centração) – Aspectos psicológicos 4. Trauma I. Título.
II. Série.

22-3043

CDD 150.195

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Abertura	23
1. Uma aproximação possível	25
2. Delineando a pesquisa	33
3. Uma viagem aos campos	39
4. Um mais além da representação	43
5. O pesquisador e os testemunhos	51
6. Sonho e testemunho	65
7. A sobrevivência do sujeito	71
8. Perguntas norteadoras	81
Sonho e psicanálise	91
9. Um breve apanhado sobre os sonhos antes da psicanálise	93
10. A subversão do saber na psicanálise: o advento do inconsciente	107

11. O sonho é uma realização de desejo	119
12. Sonho traumático, repetição e despertar	143
13. Sonho, angústia e gozo	165
Sonhos e alucinações em Auschwitz	179
14. Angústia, gozo e demanda de morte	181
15. Um preâmbulo necessário	193
16. Um sonho “exemplar” de Primo Levi	199
17. Curto-circuito no sonhar na voz de Gradowski, Delbo e Levi	207
18. Sonhos de narração (ou sonhos que realizam a necessidade de narrar)	223
19. Um sonho de chegada e o desejo de dormir	231
20. Sonhos de pão (ou sonhos que realizam/alucinam o objeto de uma falta real)	239
21. Sonhos de amor (ou sonhos que reenlaçam ao Outro)	257
22. Sonhos de ruptura da fé	273
23. Sonhos oraculares (ou sonhos que apresentam um saber no lugar da verdade)	283
24. Sonhos “fora” do tempo	299
Um fechar que reabre	303
Referências	315
Vídeos e sites	325

1. Uma aproximação possível

Este livro, fruto de uma dissertação de mestrado, apenas pôde surgir como produto de um tempo final de minha análise. Ela materializa algo que não vislumbrara antes: reunir dois temas de atração que se mantinham absolutamente disjuntivos em minha vida – a catástrofe do Holocausto e a psicanálise.

O Holocausto desde sempre despertou meu interesse, sem que eu soubesse muito bem o porquê. Há histórias de família. Em 1933, um avô materno, que não cheguei a conhecer, saiu pequeno de Berlim com seus pais, logo após Hitler se tornar chanceler na Alemanha; houve também uma bisavó paterna, que provavelmente esteve num campo de concentração e sobreviveu, cujo filho, meu avô, não pôde falar disso a seus descendentes, já na diáspora. Restou este dado escrito a lápis, numa cartolina, recolhido por mim ainda jovem para que os rastros da história familiar não se perdessem. Muitos anos depois, mudando de casa, ingressando no mestrado, deparo com uma árvore genealógica no fundo do armário. Meus avós já não estavam vivos, e seus filhos não sabiam nada do ocorrido. Sim, neste caso há a minha história familiar. Porém, não se trata apenas

disso. O evento me atravessa, se impõe. Como pôde ter ocorrido? Por quê? O que se faz com tamanho horror? Perguntas em suspensão no decorrer dos anos. Adormecidas, talvez.

O outro tema, a psicanálise, está em mim desde os treze anos, quando inicio uma análise de orientação inglesa. Depois, a faculdade de Psicologia, o encontro com os textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Assim, o estudo e a experiência psicanalítica não mais cessaram de me acompanhar, na posição de analista e principalmente de analisante.¹ Do tempo de análise resultou o atravessamento de uma posição fóbica.

Remeto-me a um apólogo: a lenda do poço, de Valter Hugo Mãe. Seu personagem é Itaro, um artesão, descido por outros ao fundo de um poço escuro, condenado a meditar lá durante sete dias e sete noites: “Mal preparado para ficar sozinho e para ter medo de ficar sozinho”, vê-se absolutamente próximo a um animal terrível, de enormes dimensões, bafo horrendo. Em dado momento, o animal poussa a cabeça sobre a perna de Itaro, não sabemos se por piedade ou para atacá-lo, e se achega mais e mais: “o inimigo poderia devorar-lhe o rosto ou beijá-lo”.

Transcorridos alguns dias no poço junto ao animal e após sonhar que um urso gigante devorava seus inimigos, Itaro é tomado por uma estranha euforia. A cabeça monstruosa do bicho passa a lambe afetuosamente suas feridas e Itaro cogita carregá-lo à superfície. Decide salvá-lo, levá-lo consigo ao final do castigo. Ao chegar na parte de cima do poço, alçado por homens que já o aguardavam, receosos e precavidos contra o enorme monstro, “Itaro levantou um pouco a cabeça e, como todos os outros, viu nada”. Assim, Hugo

1 Pretendo uma posição de analisante em relação aos sonhos, posição que entendo se articular ao discurso histórico proposto por Lacan, no qual o sujeito dividido se encontra no lugar do agente e endereça um saber ao Outro.

Mãe conclui: “apavorado com o escuro, se amigo do próprio medo, sentindo-lhe carinho”.²

Talvez tenha me amigo igualmente de um certo horror. O efeito foi a disponibilidade subjetiva para esta pesquisa, vislumbrada como uma abertura às demais áreas do saber e ao objeto de estudo que tanto me atraía e repelia: o Holocausto³ (ou *Shoah*, em hebraico).

Nos últimos anos, tive ainda a experiência de ser passadora no dispositivo do passe,⁴ proposto e sustentado pela Escola da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano. Depois de atravessá-la, sustentei que minha função no dispositivo consistira em “dar voz ao texto do passante”, àquele que pretendia dizer de sua travessia e do final de sua experiência analítica. A proposta do dispositivo do passe consiste numa transmissão indireta e, de certa forma, algo desse funcionamento também se apresenta nesta pesquisa.

Muitos sobreviventes se impuseram a tarefa de narrar e transmitir algo no lugar e em nome dos que se foram, dos que não tiveram chance nem voz. Primo Levi⁵ traz essa ideia ao abordar os “muçul-

2 Mãe, V. H. (2016). *Homens imprudentemente poéticos* (pp. 122-142). São Paulo: Biblioteca Azul.

3 Giorgio Agamben faz uma reflexão importante concernente ao uso do termo Holocausto. O autor explica que Eli Wiesel o forja e logo depois se arrepende, pois “o termo não só supõe uma inaceitável equiparação entre fornos crematórios e altares, mas acolhe uma herança semântica que desde o início traz uma herança antijudaica”. O autor ainda afirma que o termo é bastante infeliz, uma vez que “origina-se dessa inconsciente exigência de justificar a morte *sine causa*, de atribuir um sentido ao que parece não poder ter sentido”. Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (pp. 37-40). Selvino J. Assmann, Trad. São Paulo: Boitempo. (Homo Sacer III).

4 Steinberg, S. A. (2018, jun.). A função do passador: dar voz ao texto do passante? *Wunsch*, Rio de Janeiro, Paris, 18.

5 Primo Levi nasceu em Turim, em 1919, e formou-se pela Faculdade de Química antes que as leis fascistas impedissem o acesso dos judeus às universidades. Deportado para o campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, em 1944,

manos”,⁶ aqueles que nos campos cruzaram a tênue linha entre a vida e a morte. Levi os considera como as verdadeiras testemunhas, as testemunhas “integrais”, os que verdadeiramente chegaram ao limite da experiência de morte; não puderam ser enterrados, tornaram-se cinzas e fumaças nos céus dos campos de extermínio.

Aqueles que ficaram⁷ muitas vezes testemunharam pelos que pereceram, a fim de que não desaparecessem sem nome, sem história. Era preciso dar-lhes um lugar, uma sepultura simbólica.⁸ Primo Levi diz testemunhar por Hurbinek: “Nada resta dele, seu testemunho se dá por meio de minhas palavras”. Hurbinek, menino de três anos nascido em Auschwitz, não chegou a ter um nome, a falar. As palavras que lhe faltavam comprimiam seu olhar com uma “urgência explosiva”, ao mesmo tempo “selvagem e humano”, “maduro e judicante, que ninguém podia suportar, tão carregado de força e de tormento”.⁹ Um dos prisioneiros lhe atribuiu o nome. O menino não resistiu e morreu logo após a libertação.

voltou à Itália em 1945. Suicidou-se no dia 11 de abril de 1987, tendo publicado nove livros de testemunhos.

- 6 O termo *muselmann*, ou “muçulmanos”, era atribuído pelos prisioneiros dos campos aos fracos, ineptos, aqueles que haviam atravessado um limiar entre a vida e a morte, destinados inevitavelmente à “seleção”.
- 7 Recomendo um filme húngaro muito sensível que retrata a difícil condição daqueles que sobreviveram a Auschwitz: *Aqueles que ficaram*, de Barnabás Tóth (2019).
- 8 Remeto à excepcional obra *Stolpersteine* (Pedras do tropeço, em português), do artista plástico alemão Gunter Demnig. O artista produz placas de latão com a inscrição de um nome, uma data de nascimento e um local de destino (um campo de concentração, na maioria das vezes) e as incrusta em calçadas, diante do último lar onde os deportados para os campos escolheram viver. Em 1996, colocou as primeiras, ilegalmente, nas calçadas de Berlim. Atualmente, há por volta de 65 mil pedras-lápidas espalhadas predominantemente pela Europa, tornando-se o maior memorial descentralizado do Holocausto no mundo. Recuperado de: www.stolpersteine.eu.
- 9 Levi, P. (2010). *A trégua* (pp. 19-21). Marcos Lucchesi, Trad. São Paulo: Companhia das Letras.

A literatura de Imre Kertész e a poesia de Paul Celan constituem outros exemplos paradigmáticos do testemunho indireto. A morte dos campos não cessa de se presentificar nos ofícios que puderam exercer. Imre Kertész,¹⁰ escritor e ensaísta húngaro e sobrevivente de Auschwitz, nos interpela:

*Como eu poderia explicar à minha mulher que minha esferográfica é minha pá? Que escrevo somente porque tenho que escrever, e que tenho que escrever porque sou chamado pelo apito, dia após dia, a afundar mais a pá, a alisar mais gravemente o violino e tocar mais docemente a morte?*¹¹

A escrita como sua pá. Uma pá que escava a terra e enterra os mortos que não puderam ter sua oração, o *Kadish*,¹² nem uma sepultura. O trecho citado se encontra num livro excepcional, *Kadish para uma criança não nascida*, que transmite a impossibilidade de um nascimento após essa experiência de atravessamento da morte. A vida indissociável da morte, o futuro que não se realiza sem um trabalho de luto e memória do passado.¹³

10 Imre Kertész nasceu em Budapeste em 1929. Aos quinze anos foi deportado para Auschwitz e depois para Buchenwald e Zeitz, onde permaneceu por um ano, até a libertação em 1945.

11 Kertész, I. (1995). *Kadish: por uma criança não nascida* (p. 92). Raquel Abi-Sâmara, Trad. Rio de Janeiro: Imago.

12 *Kadish* é a “oração dos mortos”, uma oração em aramaico recitada três vezes ao dia durante o período de luto dos familiares.

13 Jeanne Marie Gagnebin retoma essa obra de Kertész para nos transmitir que a impossibilidade do luto corresponde à do nascimento, pois apenas o reconhecimento da morte pode permitir a plenitude da vida. Gagnebin, J. M. (2000). Palavras para Hurbinek. In A. Netrovski, M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação* (pp. 109-110). São Paulo: Escuta.

Paul Celan,¹⁴ eminente poeta e sobrevivente de um campo de trabalho forçado, igualmente parece testemunhar sem cessar pelos que morreram – seus pais especialmente, mas não apenas – por meio de sua poesia. Nascido Paul Ancel em Bukovina, ao norte da Romênia, de pais judeus-alemães, o poeta modifica seu sobrenome após a guerra, revirando suas letras e compondo um anagrama. A relação de sua poesia com a língua é preciosa para nós. Apesar de ter escolhido morar e dialogar com a cultura francesa, Celan não pôde deixar de escrever suas poesias em alemão. Assim se justifica para seu biógrafo Israel Chalfen: “Somente na língua materna se pode expressar a própria verdade. O poeta mente em uma língua estrangeira”.¹⁵

Celan precisou escrever na língua de seus pais para enterrar seus mortos.¹⁶ Sobrepõe-se ainda o fato de a língua alemã representar a

14 Paul Celan nasceu em 1920, em Czernowitz, Bukovina. Em 1942, seus pais são deportados para um campo de concentração. Celan consegue escapar, no entanto, é enviado para um campo de trabalhos forçados, no qual arrasta entulhos e junta pedras durante dezoito meses. Seus pais foram mortos, assassinados pelos SS. Uma história publicada em jornal alemão no final de 1970 sugere que Celan teria escapado à execução no campo atravessando uma linha divisória, trocando de lugar *in extremis*, de uma formação destinada à morte para o trabalho escravo. Depois da guerra, estabelece-se em Paris e realiza uma série de traduções poéticas do francês para o alemão, bem como de sua poesia. Em abril de 1970, suicida-se afogando-se no Sena.

15 Cf. Shoshana Felman, que assim o referencia: Celan, P. Washburn, 1986; p. vii. Felman, S. (2000). Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In A. Nestrovski, M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação* (p. 39). São Paulo: Escuta.

16 Seligmann-Silva traz um interessante comentário a respeito desta dimensão da poesia de Celan, conforme o próprio o teria definido: “sua poética visa construir ‘*Einfriedungen um das grenzenlos Wortlose*’ (‘Cercamentos em torno do sem-palavra, sem-limites’). *Einfriedung* deriva de *Frieden* (paz), no sentido bíblico dessa palavra: ‘*Fried auf Erde*’ (Paz na terra), de onde derivou, no alemão, o termo para cemitério: *Friedhof*. Uta Werner, não sem razão, definiu a poesia de Celan como uma fala (*Rede*) que se dirige para a exposição (*Darstellung*) do emudecer, vale dizer, como uma poesia que tenta criar uma ‘sepultura no texto’, literalmente: enterrar os mortos (terra em alemão, *Erde*, é um anagrama de fala,

língua dos assassinos de seus pais e dos milhões de mortos do *Shoah*. Língua da qual emergiram incontáveis formas de humilhação, tortura, destruição. Em sua poesia se acresce a condição de embate com a língua alemã numa tentativa de “aniquilar sua própria aniquilação presente nela”.¹⁷ Surge uma poesia que, além da função de sepultar os mortos, como a literatura de Kertész, trava luta com a própria língua e com a morte que nela se instalou. O autor parece precisar desmantelar algo dessa língua de amor e de morte em busca de algum sentido possível de realidade:

*Estes são os esforços de quem, sobrevoado por estrelas –
que são trabalhos humanos –, sem teto, também neste
sentido até hoje não pressentido e com isso da forma
mais sinistra, ao ar livre, vai até a língua com seu ser,
ferido de realidade e em busca da realidade.*¹⁸

Celan pergunta-se “pelo sentido do ponteiro do relógio”,¹⁹ tentando encontrar o sentido perdido da língua e, assim, recuperar algo de uma realidade.

Notemos, portanto, que o testemunho deve ser vislumbrado em suas diversas camadas ou dimensões. Os sobreviventes testemunharam pelos que pereceram, mas também experimentaram o

Rede” Seligmann-Silva, M. (2000). A história como trauma. In A. Nestrovski, M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação* (p. 97). São Paulo: Escuta.

17 Felman, S. (2000). Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In A. Nestrovski, M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação* (p. 39). São Paulo: Escuta.

18 Celan, P. (1983). *Gesammelte Werke*, Frankfurt a.M: Suhrkamp, v. III, p. 185, citado em Felman, S. (2000). Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In A. Nestrovski, M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação* (p. 40). São Paulo: Escuta.

19 *Ibid.*, p. 40.

“invivível”,²⁰ o limiar do inimaginável, e se tornaram as testemunhas que efetivamente puderam transmitir algo da experiência-limite: as testemunhas diretas. Seus testemunhos estarão sempre enlaçados à dimensão da verdade, pelo lugar dado à função da fala na psicanálise, e transmitirão um dizer. No ato de testemunhar, o sujeito da psicanálise já se encontra em função: um sujeito lógico, dividido entre dois significantes, que também se enlaça a um objeto bastante particular, o objeto *a*.

20 Remeto ao testemunho de Semprun: “vem-me uma dúvida sobre a possibilidade de contar. Não que a experiência vivida seja indizível. Ela foi invivível, o que é outra coisa, como se compreenderá facilmente”. Semprun, J. (1995). *A escrita ou a vida* (p. 22). Rosa Freire D’Aguiar, Trad. São Paulo: Companhia das Letras.

Samantha sabe que tomar o indizível, o invivível, o inimaginável como tema de pesquisa é caminhar nos limites da interpretabilidade – *Die Grenzen der Deutbarkeit* –, e é justamente dessa posição assumida ao longo do livro que resulta uma costura delicada na qual os sonhos, esse tema central da obra freudiana, são o inusitado e intrigante ponto de articulação entre a vivência nos campos e a psicanálise.

A autora traz relatos de sonhos que foram narrados em livros, escritos em papéis, escondidos sob as roupas, enterrados para serem encontrados. Eles são cuidadosamente ordenados por temas – sonhos de pão, de amor, de narração, de ruptura de fé, oraculares, sonhos fora do tempo.

No limite da mais desumana condição de angústia e desamparo, sonha-se. Teriam os sonhos nos campos contribuído para a sobrevivência daqueles que puderam contá-los depois? – pergunta-se Samantha. Mesmo nessa condição em que aparentemente já não resta mais traço de humanidade, o psiquismo trabalha a serviço da vida e o sonho revela sua mais básica função psíquica, a de fazer dormir.

Michele Roman Faria

Excerto do Prefácio

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-472-8



9 786555 064728



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A Sobrevivência do Desejo nos Sonhos de Auschwitz

Samantha Abuleac

ISBN: 9786555064728

Páginas: 327

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022